

## **AS EDIFICAÇÕES INSTITUCIONAIS DE VILANOVA ARTIGAS NA CIDADE DE MACAPÁ**

**TOSTES, José Alberto. (1); TAVARES, Ana Paula Cunha. (2)**

1. Universidade Federal do Amapá. Prof. Dr. do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo;  
Coordenador do Grupo de Pesquisas Arquitetura e Urbanismo na Amazônia.

Endereço Postal: Av. dos Tupiniquins, nº 756 - Beiril, Macapá/AP

E-mail: tostes.j@hotmail.com

2. Universidade Federal do Amapá. Acadêmica do curso de Bacharelado em Arquitetura e  
Urbanismo; Pesquisadora do Grupo de pesquisas Arquitetura e Urbanismo na Amazônia.

Endereço Postal: Residencial Mônaco, Rua 01, Quadra 02, nº 12 – Pedrinhas, Macapá/AP.

E-mail:anapaulactvrs@gmail.com

### **RESUMO**

O trabalho do arquiteto Vilanova Artigas está representado na cidade de Macapá através de três grandes obras: O Batalhão da Polícia Militar do estado do Amapá, a Escola Estadual Tiradentes e o prédio da Secretaria de Infraestrutura do estado do Amapá. Tais projetos foram encomendados e elaborados durante a vigência do então Território Federal do Amapá, que teve no período de 1943 a 1988 sua oficialidade. Apesar de grandes exemplares de uma arquitetura moderna e brutalista na Amazônia, pouco estas obras são reconhecidas tanto pela população como agentes públicos como patrimônios arquitetônicos do estado. A discussão conceitual foi desenvolvida com base nos estudos sobre a cidade moderna e contemporânea, tendo como suporte os trabalhos do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. O método de trabalho é o historiográfico, que permite avaliar os fatos que contribuíram para a contratação das obras de Artigas e os desdobramentos posteriores para a história do lugar. A relevância do trabalho está na catalogação de tais obras, permitindo a difusão de sua importância para a história da arquitetura amapaense e possibilitar que o governo do estado do Amapá em conjunto com outras instituições importantes reconheçam e insiram as obras na memória arquitetônica de Macapá.

**Palavras-Chave:** Cidade moderna; Macapá; Memória arquitetônica.

## 1. INTRODUÇÃO

A cidade de Macapá vivenciou distintos períodos de investimentos entre os anos de 1943 a 1950 e 1960 a 1990. Durante a década de 1970, o governo do então Território Federal do Amapá contratou os serviços do arquiteto Vilanova Artigas para elaborar três importantes projetos: Batalhão da Polícia Militar, a Escola Tiradentes e a Secretaria de Obras do Território Federal do Amapá. Os projetos idealizados seguiram as características do arquiteto e somente passaram a despertar interesse a partir da primeira década do novo milênio com a criação dos cursos de arquitetura e urbanismo na cidade de Macapá.

O presente artigo aborda três pontos importantes sobre a questão das obras institucionais de Artigas na cidade de Macapá: a primeira é o contexto da Macapá moderna concebida a partir da transformação em Território Federal onde foi idealizada toda a estrutura urbana, incluindo os novos edifícios. Nessa primeira fase é marcada mais pela diversidade de estilos e pelo traçado definido para a cidade.

A partir da década de 1950 até 1960, um grande projeto no Amapá teve repercussões internacionais pelo caráter e grandeza da proposta, a construção das Vilas Amazonas e Serra do Navio que durante muito tempo iriam demarcar a história da arquitetura moderna na Amazônia como algo adaptado a floresta, o precursor dessa proposta, também arquiteto Oswaldo Bratke, oriundo da mesma escola que Vilanova Artigas. O segundo momento sobre a questão conceitual da arquitetura moderna no Brasil caracterizado principalmente pela produção dos novos edifícios modernos e principalmente na construção da cidade de Brasília, marco e referência da nova arquitetura brasileira.

E o terceiro momento é análise das obras de Vilanova Artigas na cidade de Macapá sendo avaliada a partir do final da década de 1960 e princípios da década de 1970. As referidas obras passaram a ter maior ênfase a partir dos trabalhos acadêmicos e científicos produzidos a partir do período de 2005 em diante com a criação do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia.

A relevância da abordagem reside na representação e no valor simbólico cultural sobre os trabalhos do arquiteto Vilanova Artigas e os efeitos para cidade de Macapá, que muito embora, não haja nenhum reconhecimento oficial sobre o patrimônio edificado é um registro de vários trabalhos produzidos pelo profissional na região Amazônica.

## 2. MACAPÁ NO CONTEXTO MODERNO

A partir da implantação do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, novas cidades de caracterização modernista foram projetadas no país. Com o objetivo governamental de desenvolvimento do setor industrial brasileiro, surge o interesse de implantação de indústria de base nacional e a exploração de matérias primas, implantadas junto a medidas de modernização, inovação política, social e econômica. Na região Norte, tal política refletiu em um planejamento regional amazônico tido pelo Estado Novo como de interesse nacional, no intuito de instalar polos de exploração mineral na Amazônia.

Seguindo o movimento de transformações que abrangia todo o Brasil a época, a região onde atualmente é locado o estado do Amapá é desmembrada do estado do Pará, com a criação em 1943 do Território Federal do Amapá, seguindo os projetos de integração e nacionalização estabelecidos por Vargas, quando ocorre o início das expressões modernistas no estado. Desde a criação do território havia o apontamento da mineração como atividade chave para o desenvolvimento da região, deste modo, durante o mandato do então governador Janary Nunes, em consonância com as políticas da união, são implantadas atividades minerais no Amapá, através da Indústria Comércio de Minérios S.A (ICOMI), para a exploração do minério de Manganês na década de 1950.

Tal empresa, em sua instalação constrói duas cidades, de localização estratégica, em território amapaense: A Vila de Serra do Navio (Figura 01) (então distrito de Macapá, hoje município de Serra do Navio) e a Vila Amazonas (incorporada ao município de Santana atualmente). A cidade de Macapá, base das atividades administrativas do território, também recebeu investimentos federais para se estruturar mediante as novas perspectivas do lugar e se interligar aos novos núcleos urbanos.



Figura 01: Vila de Serra do Navio; Fonte: Ribeiro, 2002.

Tais cidades são exemplares da entrada do modernismo na Amazônia e de preceitos modernos na arquitetura e urbanismo do estado. Ambas foram projetadas pelo arquiteto Oswaldo Bratke, que implantou seus ideais modernistas tanto nas edificações idealizadas quanto no planejamento urbano, adaptados às características locais e ligados à sustentabilidade, ecologia e conforto ambiental. Foi um projeto contemporâneo à construção de Brasília, sendo um contraponto urbanístico ao projeto da capital nacional, adotando uma vertente funcionalista e racional, dentro de um contexto de um ambiente amazônico e uma cultura local distinta.

Demonstra-se então a caracterização de uma arquitetura moderna própria da Amazônia, onde aparece o perfil de um arquiteto projetista e pesquisador, o qual ainda que tomado pelos preceitos da escola moderna, busca novas soluções para a construção dentro de um cenário único e diferente. Tal cenário reflete o que Benévolo (2001, p.615) retrata como um dos principais objetivos da arquitetura do momento, onde se busca um novo modelo de cidade a partir de uma nova realidade vivenciada e alternativo ao tradicional, criando soluções para amenizar conflitos e transformar o espaço.

A cidade de Macapá também foi fortemente influenciada por tais ideais. Tostes e Tavares (2014, pg. 353) afirmam que a cidade teve seu amplo desenvolvimento espacial a partir da década de 1940, possuindo traçado regular e retilíneo, refletindo o funcionalismo do moderno. As ruas foram projetadas com larguras de grandes dimensões, sendo pensadas como grandes corredores de circulação de ventilação ao longo da malha, tendo em vista o clima local. Envolvidos por esses preceitos, tanto os espaços públicos quanto as edificações do período absorveram também características que priorizavam circulação, lazer, habitação e trabalho.

A ênfase ao desenvolvimento urbano moderno da cidade de Macapá acontece na materialização de planos diretores que visavam ordenar o espaço em construção. Em 1959 é realizado o primeiro plano diretor, realizado pela empresa Grumbilf do Brasil, com o objetivo de obter informações sobre o crescimento e evolução urbana da cidade e para planejar a instalação das redes de água, esgoto e eletricidade (BOTELHO, 2011, pg. 61). Tal plano foi substituído por outro, desta vez desenvolvido pela Fundação João Pinheiro em 1973, seguido pelo plano idealizado pela empresa H.J Cole + Associados, entre 1976 e 1979. Tais planos refletiam concepções modernistas, em um período de fortes influências desenvolvimentistas por parte dos governadores do estado a época (GALIANO, CARVALHO, 2016, pg. 16).

Neste contexto, durante a década de 1970, ocorre um dos marcos da expressão arquitetônica moderna na cidade de Macapá: a construção de três grandes obras, projetadas pelo arquiteto curitibano João Batista Vilanova Artigas. Pertencente à Escola Paulista, teve importante atuação no cenário nacional, com uma arquitetura marcada pela valorização da estrutura e o uso do concreto armado aparente.

### **3. ARTIGAS E OS ASPECTOS CONCEITUAIS DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL**

A arquitetura moderna é um conjunto de escolas arquitetônicas e movimentos que passam a caracterizar a produção arquitetônica executada durante boa parte do século XX, dentro do contexto cultural e artístico do moderno. Teve seu início na Europa, a partir das grandes inovações técnicas e das transformações sociais e políticas derivadas da Revolução Industrial. As novas demandas da sociedade, com cidades cada vez mais adensadas, exigiam inovações sociais e econômicas em relação às construções, visando maior salubridade dos ambientes e construções cada vez mais rápidas e eficientes.

Deste modo, a engenharia e a arquitetura criam um ideal de racionalização da construção, tanto na aplicação de novos materiais à construção como no desenvolvimento de plantas que tinham a simplicidade e a lógica racional como base. Logo, o ferro, o aço e o concreto armado passam a ser utilizados em larga escala, criando possibilidades antes inéditas para criação de novas formas arquitetônicas, a exemplo dos grandes arranha-céus da Escola de Chicago e a construção da Torre Eiffel de Paris, monumento simbólico deste primeiro momento moderno da arquitetura. Seguindo esta lógica, grandes arquitetos foram moldando a evolução da arquitetura moderna como estética e pensamento formal, passando por Walter Gropius e a Bauhaus, com a união entre artes e tecnologia; Mies Van der Rohe, com uma concepção dos espaços arquitetônicos voltada para a profunda depuração da forma e às necessidades impostas pelo lugar; Frank Lloyd Wright, com sua arquitetura orgânica e a defesa do projeto individualizado, de acordo com sua localização e finalidade; e Le Corbusier, com sua estética sem ornamentação e a definição de uma lógica arquitetônica bem definida para o século XX, os 05 pontos para a nova arquitetura:

(...) construção sobre pilotis - ao tornar as construções suspensas, cria-se uma inédita relação “interno-externo” entre observador e morador-, terraço-jardim - com o avanço técnico do concreto armado, seria possível aproveitar a última laje da edificação como espaço de lazer-, planta livre da estrutura - o uso de sistemas viga-pilar em grelhas ortogonais geraria a flexibilidade necessária para a melhor definição espacial interna possível-, fachada livre da estrutura - os pilares devem ser

projetados internamente às construções, criando recuos nas lajes de forma a tornar o projeto das aberturas o mais flexível -, e por fim a janela em fita - à uma certa altura, de um ponto ao outra da fachada, de acordo com a melhor orientação solar. (Coelho; Odebrecht – 2007, pg.48)

A arquitetura moderna buscava primordialmente por renovação, rejeitando o repertório formal do passado e tentando consolidar uma nova identidade arquitetônica. Neste ponto, combatiam as formas de ornamento, tidas como de estilos passados, e viam o arquiteto com um papel que ia além da simples construção, passando para uma lógica social. Acreditava-se no profissional como responsável pela socialmente justa construção do ambiente habitado pelo homem, devendo sempre pensar o edifício como um objeto limpo, econômico e útil, onde a forma segue a função.

Influenciada por tais ideais internacionais e pelas transformações sociais que ocorriam no Brasil, a arquitetura moderna brasileira começa a aflorar em meio a período de efervescência intelectual, através de manifestos de vanguarda e, sobretudo, da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 em São Paulo. Ganha expressão significativa entre os anos de 1930 e 1970, momento em que o país passava por pela industrialização e imersão em um grande sentimento ufanista, de valorização daquilo que era nacional. Isso se refletiu em todos os setores culturais: artes, música e em especial na arquitetura. Sem se prender a padrões internacionais marcou uma nova fase estética das concepções arquitetônicas ligadas à valorização da realidade e características locais, representando o “espírito da época” e a necessidade de renovação, abandonando tradições passadas.

A produção brasileira se revelou repleta de chame e novidade, caracterizando-se pela ampla aplicação dos princípios de Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Walter Gropius. Contudo, segundo Coelho e Odebrecht (2007, pg. 49) há dois fatores fundamentais para a formação e consolidação do movimento na arquitetura brasileira: a pesquisa relacionada a problemas de insolação e o desenvolvimento de técnicas avançada para o uso do concreto armado. Isto permitiu estruturas inteligentes e bem pensadas, leves, elegantes e executadas de maneira mais econômica, em comparação ao custo de obras realizadas em outros países.

A primeira casa brasileira em estilo modernista é construída em São Paulo, entre os anos de 1929 e 1930, pelo arquiteto russo Gregori Warchavchik. A obra foi um teste sobre a reação da sociedade em relação ao novo padrão estético, considerando que suas características foram tão impactantes para a época pela simplicidade e falta de ornamentos que o projeto teve de ser alterado para que obtivesse a aprovação junto à prefeitura. Além disso, resultou

em uma análise de viabilidade de construção de tais projetos, no qual ainda enfrentou várias dificuldades pela falta de materiais e mão de obra especializada para execução em um primeiro momento.

Inovador, o movimento enfrentou muita resistência e hostilidade por parte da opinião pública, legislação municipal vigente limitadora da liberdade de composição e pela aplicação de materiais de custo elevado (cimento, ferro e vidro), até finalmente alcançar aceitação de fato. O modernismo ocasionou inúmeros avanços referentes à estética e técnicas construtivas e revolucionou a arquitetura nacional, exercendo suas influências ainda nos dias atuais. Diversos arquitetos importantes contribuíram para essa difusão da transformação da arquitetura até então conhecida, sendo representantes do estilo no país. Dentre os mais influentes temos: Gregori Warchavchik, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Rino Levi, Lina Bo Bardi, João Batista Vilanova Artigas, Oswaldo Bratke, dentre outros.

O marco da expressão da arquitetura moderna brasileira através da materialização do projeto do Ministério da Educação e Saúde, de 1936, projetado pelos arquitetos Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Carlos Leão, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos e Jorge Machado Moreira, tendo como consultor técnico, Le Corbusier. O edifício mescla a racionalidade de projeto, as adequações em prol de uma arquitetura adaptada ao clima local e as questões de insolação a uma expressividade plástica diferenciada. A partir de então a expressão brasileira ganha projeção internacional, reconhecidamente como única e diferente dos demais exemplares do mundo.

A concepção projetual deste novo modo de construir se baseava no racionalismo e no funcionalismo, onde predominavam linhas geométricas simples, bem definidas, puras e sem ornamentos. A separação entre estrutura e vedação era recorrente, bem como o uso de pilotis, plantas livres e panos de vidro contínuos. Era uma arquitetura sensível que buscava a integração com seu entorno (onde a própria edificação passa a ser considerada como um ornamento na paisagem) e por vezes, com outras artes plásticas com o emprego de esculturas, murais ou painéis de azulejo decorados.

Contudo, ao longo dos anos foram se criando algumas diferenças na produção moderna brasileira, criando uma subdivisão aponta por especialistas em duas linhas de atuação notáveis: A Escola Carioca, que agrega ao racionalismo o uso das curvas e a leveza da forma; e a Escola Paulista, também tida como brutalista, que faz a arquitetura surgir a partir da estrutura e emprega amplamente o concreto armado em seu estado natural. Esta

segunda vertente era a que mais caracterizava as obras de Vilanova Artigas, grande expositor do moderno junto ao brutalismo paulista, e arquiteto de importante atuação no estado do Amapá.

### **3.1 A Escola Paulista**

Foi chamada de escola paulista o conjunto de obras e ideias materializadas entre 1950 e 1970, também conhecida como Brutalismo Paulista. Difundida por um grupo da cidade de São Paulo, teve na figura de João Batista Vilanova Artigas seu principal representante e difusor. Trata-se de um período de produção arquitetônica inovadora caracterizada pela ênfase nas técnicas construtivas, adoção de materiais em seu estado natural (principalmente o concreto) e a valorização da estrutura. Marcada por uma produção ímpar, é um movimento de discurso estético, ideológico e político. Segundo Sanvitto (2013, pg.11):

O Brutalismo Paulista foi uma tendência que partia de um discurso defendendo uma postura ética para a sociedade. Foi messiânica e salvadora na medida em que propagou novas ideias em busca de um mundo melhor. Acreditava na verdade, na correção, na virtude e na igualdade dos homens. Esta ideologia conduzia soluções arquitetônicas nas quais nada havia a esconder. Sugeriu a vida comunitária decorrente da utilização do espaço único. As segregações não eram bem aceitas, assim como as compartimentações evitadas.

A escola Paulista foi consolidada por arquitetos extremamente politizados e imbuídos de espírito revolucionário e um ideal de melhoria social, acreditando que poderiam construir um novo país a partir dos seus trabalhos. De fato foi o que ocorreu, fazendo oposição à escola carioca formalista e pragmática, imprimiram um caráter local a sua arquitetura, assumindo características compositivas e formais próprias, alcançando afirmação como corrente arquitetônica autônoma. Artigas acreditava que cabia aos arquitetos o incentivo a modernização técnica da construção civil, refletindo o espírito da época advindo das transformações sociais e das novas técnicas que acompanhavam a chegada da industrialização no país.

É a partir de uma sequência de projetos realizados entre 1959 e 1961 por Vilanova que os princípios norteadores da escola são bem definidos, sobretudo após o projeto do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) (Figura 02) – considerado como grande expressão brutalista e uma das principais obras do portfólio do arquiteto. As linhas compositivas se baseiam em princípios de univolumetria e certa introversão, com definição de espaços únicos e o estabelecimento de continuidade entre interior-exterior. Há a adoção de rampas e de iluminação zenital, emprego de grandes vãos,



extensos planos horizontais em um volume fechado de concreto aparente, brincando com aberturas posicionadas em fita que auxiliam na ideia de horizontalidade do edifício.



Figura 02: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP);  
Fonte: Archdaily, 2011.

As obras do brutalismo paulista eram compostas a partir de um conjunto de regras compositivas que acabavam por ordenar as diferentes partes da edificação, omitindo o uso que abrigavam e fazendo com que um mesmo/parecido partido fosse utilizado para os mais diferentes usos e programas. Deste modo, as soluções adotadas assumiam formas similares nas quais a estrutura possuía papel definidor para o partido final, sendo utilizada como referência para a criação de formas e demais elementos da arquitetura. No Brasil a postura ética chega ao extremo onde cada elemento estético proposto vinha com uma justificativa ideológica, como a imposição de espaços abertos, algumas vezes únicos, atrelados a um ideal de liberdade em detrimento da privacidade de um espaço compartimentado. Sanvitto (2013, p.06) comenta que sua estética era caracterizada pela expressão dos materiais em detrimento de superfícies bem acabadas, onde o ideal de beleza é associado a uma verdade construtiva, sendo a edificação um elemento honesto que demonstra a olho nu seus materiais, assim como sua técnica construtiva.

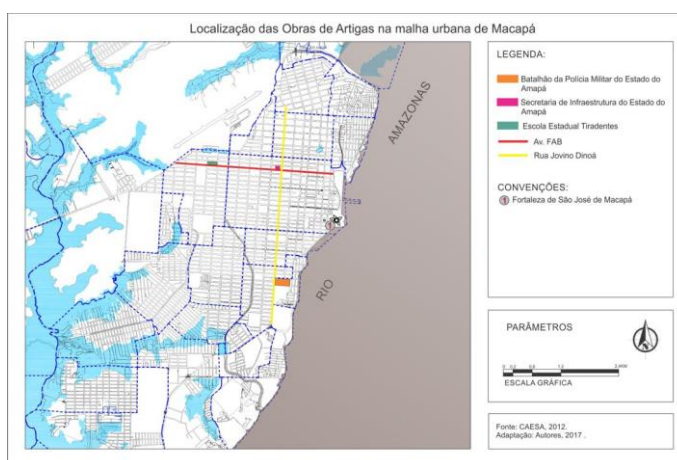
#### **4. ANÁLISE DAS EDIFICAÇÕES DE VILANOVA ARTIGAS NA CIDADE DE MACAPÁ**

Vilanova Artigas foi contratado para realizar projetos no Amapá no período em que governos militares assumiram a administração do estado, mesmo período em que estava afastado de suas atividades acadêmicas pela USP (Universidade de São Paulo). Neste momento ele estava, no que é considerado por especialistas, na terceira fase de seu trabalho, marcada pela construção de prédios públicos de maior escala e pelo exercício de peso arquitetônico na conquista dos espaços (CAVALCANTI, 2001, p. 137). Sua obra era resultado do contexto

histórico-político em que viveu, mediante um cenário de transformações e busca por identidade nacional, resultando em um perfil engajado e idealista, traduzido no plano prático de seus projetos.

Acreditava no abandono de velhas expressões, em proveito de formas que pudessem exprimir a necessidade de convívio dentro do espaço construído. Detentor de uma “moral construtiva”, buscava trabalhar com as condições locais e o emprego de matérias comuns, mas com a realização técnicas avançadas, o que lhe permitiu a criação de projetos extremamente arrojados e fora do senso popular, com a larga aplicação de concreto armado em lajes em balanço e estruturas de grandes dimensões. A técnica construtiva aplicada era um de seus maiores diferenciais, incentivando a modernização das técnicas da construção civil com a pré-fabricação e a mecanização do canteiro de obras, desta forma produzindo um desenho mais racionalizado de suas edificações.

Baseava-se em formas geométricas preliminarmente, fazendo a arquitetura surgir a partir da estrutura, e não o contrário, gerando estruturas reforçadas e extremamente imponentes. Utilizando tal lógica, concebeu três exemplares de sua arquitetura no município de Macapá: o edifício da Secretaria de Infraestrutura do estado (SEINF), a Escola Estadual Tiradentes e o prédio do Comando da Polícia Militar do estado do Amapá (PM/AP) (Mapa 01). São visíveis as semelhanças entre tais edificações, onde a marca brutalista do arquiteto pode ser identificada através da disciplinada geometria externa, com complexos arranjos internos e o aspecto visual marcado pela ampla aplicação do concreto, vãos e espaços abertos e o uso de elementos estruturais como componentes visuais, refletindo toda simplicidade e racionalidade do moderno.



Mapa 01: Localização das obras de Vilanova Artigas na malha urbana de Macapá; Fonte: CAESA, 2012; adaptado pelos autores, 2017.

Estima-se que o arquiteto tenha sido contratado durante a administração militar do antigo território federal regida pelo governador Ivanhoé Gonçalves Martins, de vigência entre 1967 a 1972, para a concepção de tais edifícios institucionais, sendo todos inaugurados ao longo da década de 1970. Tal período pode ser caracterizado como uma segunda fase da presença de obras modernistas de grande expressão no estado do Amapá, destacando-se após os anos de 1950, momento de atuação do arquiteto Oswaldo Bratke na região. Vale ressaltar que as iniciativas modernistas identificadas no estado são em sua grande maioria de vinculação institucional, seja através da atuação governamental, seja por iniciativas de empresas privadas que se instalaram no Amapá.

#### **4.1 Batalhão da Polícia Militar do Estado do Amapá**

A edificação que abriga o Batalhão da Polícia Militar é uma das mais imponentes obras registradas, tanto pelo seu uso quanto por suas dimensões. Inaugurada no ano de 1971, foi concebida para abrigar funções institucionais em um momento posterior, considerando que a Polícia Militar do estado ter sido de fato efetivada somente 4 anos depois, em 1975. Localizada em uma das principais vias de tráfego da cidade de Macapá, a Rua Jovino Dinoá, possui posicionamento estratégico em uma área bem estruturada da malha urbana, ocupando uma área construída significativa de aproximadamente 2.368,42 m<sup>2</sup>, entre térreo e 1º pavimento (Figura 03). Vale ressaltar que a edificação é a componente principal do Batalhão e primeira a ser construída, contudo ao longo dos anos anexos e novas áreas foram sendo adicionadas ao complexo da polícia militar do estado.



Figura 03: Edificação Batalhão da Polícia Militar do Estado do Amapá; Fonte: Autores, 2017.

A obra possui as principais características brutalistas de Vilanova Artigas tais como o predomínio do uso do concreto, a aplicação de esquadrias com janelas em fita e vidro, fachada sem ornamentação, o destaque para os elementos estruturais de vigas e pilares (Figura 04) e a utilização de laje de cobertura. Outro fator de destaque é que apesar da

imponência da edificação ainda assim é possível perceber uma comunicação com as áreas externas, sobretudo pelo grande vão central de pé direito generoso locado bem ao centro da planta do pavimento térreo, que permite a livre circulação pelo centro do prédio. Percebe-se um exagero dos elementos estruturais o que casa perfeitamente com a sinceridade construtiva adotada por Artigas, que buscava explicitar a estrutura real e o comportamento dos materiais aplicados, ligados a uma ética de honestidade estrutural e verdade dos materiais adotados pela escola paulista.



Figura 04: Elementos estruturais na composição do Batalhão da Polícia Militar; Fonte: Autores, 2017.

A essência do projeto original principalmente na porção externa é mantida até os dias de hoje, havendo algumas descaracterizações como a aplicação de pintura no lugar no concreto bruto aparente, a adição de diversas condensadoras de centrais de ar ao longo de toda a fachada principal, bem como a realização de um trabalho paisagístico alheio ao projeto de Vilanova. Já quanto a porção interna, há relatos de diversas intervenções ao longo dos 46 anos de existência, para a adaptação de novos usos e para o atendimento das novas demandas do comando policial. Ainda assim, é um grande exemplar da arquitetura moderna brutalista na Amazônia e de fato um elemento de suma importância na construção da memória arquitetônica amapaense.

#### **4.2 Sede da Secretaria de Infraestrutura do Estado do Amapá (SEINF)**

Pode ser considerado um dos mais belos exemplares da obra de Artigas no estado. É um projeto repleto de elementos funcionais estritamente relacionados a composição estética da edificação. Encontra-se na Av. Fab, eixo da cidade consolidado por atividades institucionais, onde foram locadas entre 1940 e 1988 as principais estruturas para atendimento das necessidades do Território Federal do Amapá. Inaugurado em 1972, tem na racionalidade da composição o uso de elementos de destaque como a variação entre vãos abertos e fechados, o que o atribui uma forma dinâmica e funcional.

A Sede da Secretaria de Infraestrutura possui uma grande rampa central em curva logo na entrada, elemento a partir do qual todo o restante na planta é composto, evidenciando outra característica marcante empregada pelo arquiteto. Com núcleo central feito em pé direito duplo, é criado um vão bem no meio do edifício, rodeado por corredores de circulação, que permitem uma interligação de todas as dependências em torno deste espaço (Figura 05). No vão estão presentes claraboias compostas a partir do cruzamento de elementos estruturais de vigas, que permitem a locação de vazios para a passagem de iluminação natural. Originalmente eram vedadas por elementos em acrílico incolor, porém devido ao desgaste do material original houve a substituição por uma pequena cobertura em telhas de policarbonato transparente que cobre todo o vão, compondo um pequeno volume central sobre a laje de cobertura original.



Figura 05: Vão central da sede da SEINF/AP; Fonte: Autores, 2017.

Quanto a composição de planta, no pavimento superior haviam salas fechadas apenas nos corredores paralelos das maiores fachadas da edificação (provavelmente por serem as fachadas mais privilegiadas quanto a orientação solar), deixando para o lado de uma das fachadas menores apenas a locação do bloco de banheiros feminino e masculino (que se repetem no térreo e 1º pavimento), deixando grandes pátios em duas laterais do vão central. Contudo, modificações foram feitas pela necessidade da adição de mais salas para as atividades funcionais da secretaria e tais pátios se perderam. As esquadrias de janelas internas e externas ainda são mantidas conforme o original, havendo sido efetuada a troca apenas das portas. Uma modificação significativa feita no prédio foi a retirada de praticamente todo o forro de madeira original feito em uma composição de ripas de madeira que criava um desenho bem interessante que fazia parte do conjunto da obra, sendo atualmente encontrado apenas nos banheiros e que provavelmente também devem ser substituídos em breve.

A fachada se mantém íntegra em sua composição (Figura 06). Novamente se destaca da valorização dos elementos estruturais para a composição estética e a repetição dos mesmos de maneira harmônica. Sem muitos ornamentos, também se caracteriza pela faixa de concreto na porção superior, grandes pilares e o uso de janelas em fita com vidro. Um elemento diferente é encontrado nas fachadas laterais, onde foi pensada a instalação de tubulações de forma a se criarem aberturas para passagem de iluminação natural aos corredores internos. Tais fachadas também possuem aberturas, que permitem acessos secundários às dependências da secretaria.



Figura 06: Fachada principal - SEINF/AP; Fonte: Autores, 2017.

A edificação é agraciada ainda por elementos paisagísticos que integram sua estética e conversam com os vãos e aberturas de circulação da edificação, bem como com a entrada principal que possui um pátio frontal que cria uma suspensão em pilotis em parte da estrutura. Infelizmente uma característica que novamente se encontra perdida é a pureza do concreto em sua forma natural, havendo assim como no Batalhão da Polícia Militar o recobrimento por pintura, perdendo a beleza original atribuída pelo material.

A pureza da forma estrutural e o uso de modulação no desenvolvimento da planta se mantêm, refletindo todas as influências da escola paulista do momento. Sua composição dinâmica e racional se destacam, o caracterizando como um prédio institucional ímpar se comparado aos demais. De qualquer maneira, ainda é uma obra fiel em grande parte ao seu projeto original e um belo exemplar de Vilanova Artigas, que conversa e lembra diversos outros projetos espalhados pelo Brasil.

### **4.3 Escola Estadual Tiradentes**

Inaugurado em 1973 é um projeto interessante e de uso escolar. Quando iniciado seu uso, era uma escola exemplar tanto no ensino quanto nas instalações físicas. Projeto inovador, se diferenciou pela locação de grandes pátios descobertos em meio a planta baixa bem

como a proposição de um auditório em níveis (parcialmente subterrâneo) o que não havia se visto anteriormente no estado dentro de uma instituição escolar. Também localizado ao longo da Av. FAB é mais uma obra de Artigas que compõe este importante eixo da cidade de Macapá.

Novamente vem com a arquitetura a partir da estrutura em sua composição formal. Possui corredores largos e excelente circulação interna com salas definidas de acordo com modulação estrutural. Possui uma organização de planta baixa diferente (Figura 07), onde todo o bloco de salas se conforma em “U” circundando os espaços comuns e de convivência. Na área interna é possível perceber dois grandes pátios abertos, quase como dois grandes jardins, que além de trazerem o paisagismo para dentro da edificação tem característica funcional de permitir a entrada de ventilação e iluminação natural, formando um grande espaço de socialização, divididos somente por um grande corredor coberto ao centro. Na área a frente dos pátios tem a distribuição das dependências da biblioteca, o auditório, e um grande pátio coberto que compõe a fachada principal da escola. Tais aspectos reforçam a busca pelas melhores soluções adaptadas às condições locais.

Em um dos pátios há a presença de uma caixa d’água que participa da volumetria da escola. Presente em outros projetos de Artigas, a caixa d’água aparece como elemento que dinamiza o volume geral da escola e cria altura dentro de uma composição predominantemente térrea, tornando-se objeto de destaque.

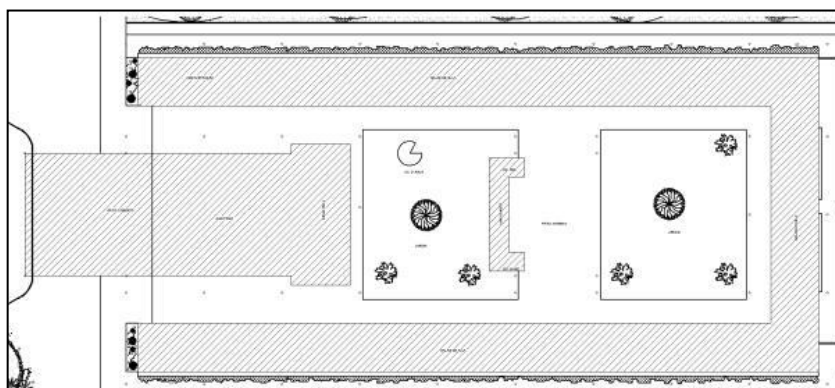


Figura 07: Planta Baixa do Bloco Central de Vilanova Artigas para a Escola Tiradentes; Fonte: SEINF, 2001.

O forro das salas é a laje, no qual é formada uma composição estética a partir das vigas estruturais que passam sob a cobertura, esta que se prolonga pelos corredores de circulação para interligação com os pilares internos. As esquadrias de janela em fita com vidro permanecem como o original, trazendo novamente este elemento característico do

moderno. Nos pontos de interligação entre o bloco externo em “U” e os pontos construídos na porção interna há o encontro de lajes, onde novamente a partir do elemento estrutural surge mais um elemento estético dentro do projeto que compõe tanto na parte interna dos corredores como em todas as fachadas externas da edificação, com um acabamento em diagonal prolongado para baixo da laje (Figura 08).



Figura 08: Detalhe estético da Escola Tiradentes; Fonte: Autores, 2017.

Uma das grandes e mais notáveis modificações feitas no projeto original está na adição de um grande telhado em estrutura de madeira e telhas de barro sobre a laje de cobertura. Segundo informações a alteração foi feita devido a infiltrações recorrentes na cobertura primeira e a falta de tecnologias na época para impermeabilização eficaz da laje. Contudo, existe a intenção por parte da SEINF (Secretaria de infraestrutura do estado do Amapá), que gere reformas e construções de edificações pertencentes ao governo estadual, de realizar a retirada do telhado para recuperação da estética inicial do projeto, um grande serviço para o restauro de tal memória arquitetônica. Nas fachadas (Figura 09) a maior alteração é a do telhado, preservando praticamente todos os demais elementos de sua concepção inicial. Ainda assim, como nas outras duas edificações do arquiteto no estado, ocorre novamente a ruptura com a estética do concreto natural.



Figura 09: Fachada Principal e Fachada Lateral da Escola Tiradentes; Fonte: Autores, 2017.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras institucionais de Vilanova Artigas na cidade de Macapá ainda não tem o reconhecimento por parte dos órgãos institucionais, fato que contribui para a perda dos vestígios e das características originais do projeto idealizado pelo autor. Nas três obras concebidas não há nenhuma preocupação com o conjunto arquitetônico, somente a Escola Tiradentes há uma perspectiva de se resgatar um item importante da cobertura original e a realização de uma reforma que possa se aproximar das linhas originais.

As demais obras apresentam mudanças substanciais em relação ao original. Um fato relevante é a falta de definição do IPHAN em relação as obras inventariadas para definir o tombamento histórico. O trabalho realizado limitou-se a um determinado perímetro do primeiro ciclo histórico da cidade de Macapá durante a primeira parte do governo de Janary Nunes. Portanto, apesar do reconhecimento de vários documentos acadêmicos sobre o valor e a importância das obras citadas não em curso nenhuma ação oficial que possa garantir a preservação e manutenção do patrimônio edificado.

## 6. REFERÊNCIAS

AMAPÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infraestrutura do estado do Amapá. Levantamento arquitetônico da escola estadual Tiradentes. Macapá, 2001.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 3ªed. 2001.

BOTELHO, Lina. **Evolução urbana da cidade de Macapá**: Análise do perímetro da Fortaleza de São José de Macapá ao Araxá no período de 1950-2010. Macapá, Universidade Federal do Amapá, 2011. (Trabalho de conclusão de curso)

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno**: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

COELHO, Alessandra Coelho. ODEBRECHT, Silvia. **Arquitetura moderna**: reconhecimento e análise de edifícios representativos em Blumenau, SC. Dynamis revista tecno-científica. Santa Catarina. vol.13, n.1, 46- 58, Out-Dez, 2007. Disponível em: <<http://gorila.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/viewFile/370/347>>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2017.

COMAS, Carlos Eduardo Dias Comas. **Questões de base e situação**: arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45. Arqtextos, nº 078.00, ano 07. São Paulo, Portal Vitruvius, Nov. 2006. Disponível em: <

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/293>>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2017.

FRACALOSSI, Igor. **Clássicos da Arquitetura**: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. ArchDaily Brasil. Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2017.

GALIANO, Leonardo Oliveira. CARVALHO, Bianca Moro de. **O Patrimônio Modernista Na Amazônia: Macapá, Santana e Serra Do Navio**. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – IV ENANPARQ. Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016. Disponível em: < <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2010/S10-03-GALIANO,%20L;%20CARVALHO,%20B.pdf>>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2017.

RIBEIRO, Benjamin Adiron, **Vila Serra do Navio**: Comunidade Urbana na selva Amazônica: Um projeto do arq. Oswaldo Arthur Bratke / Benjamin Adiron Ribeiro, São Paulo, Pini, 1992.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Brutalismo Paulista**: Uma Estética Justificada Por Uma Ética?. In: X Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna E Internacional: conexões brutalistas 1955-75. PUCPR, Curitiba. 15 a 18 de outubro de 2013. Disponível em: < [http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/CON\\_03.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/CON_03.pdf)>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2017.

TOSTES, José Alberto. TAVARES, Ana Paula Cunha. **Macapá, cidade modernista na Amazônia** – A memória edificada nas obras de Vilanova Artigas. In: Anais 3º SEMINÁRIO Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa – Arquiteturas do mar, da terra e do ar – Arquitetura e Urbanismo na Geografia e Cultura. Vol. I. Pg. 348-357. ISSN 9781502424501. Lisboa, 2014.